

Itamara Silveira Soalheiro

A apreensão do território mineiro nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire: uma leitura relacinonal

Universidade Vale do Rio Doce
Bolsa de Iniciação Científica BIC-FAPEMIG
Orientador: Prof. Dr. Haruf Salmen Espindola

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir o conceito de território numa perspectiva relacional interligando-o com os relatos do naturalista Auguste de Saint-Hilaire, que construiu importantes observações sobre o Brasil oitocentista, principalmente sobre a Província de Minas Gerais. Os relatos de Saint-Hilaire marcam um momento importante de formação do território brasileiro, por isso teve-se a intenção de partir da leitura sistemática de suas observações para buscar perceber as características relacionais daquele território em formação.

Palavras-chave: Território, Viajante Naturalista, Minas Gerias.

Abstract:

The objective of this study is to discuss the concepts of territory in the relational perspective. In this way, we present this relational perspective connected with the reports of the naturalist Auguste Saint-Hilaire. He did in his work important descriptions of the Brazil's life in the ninety century, mainly about the province of Minas Gerais. The reports of Saint-Hilaire are a reference to this important moment of the brazilian territory formation. This is one of the reasons of beginning a systematic reading of Saint-Hilaire observations to capture the relational characteristics of the territory formation in the Minas Gerais province.

Key words: Territory, Naturalist Traveler , Minas Gerais, Saint-Hilaire

Enviado em 11 de fevereiro de 2008 e aprovado em 12 de março de 2008.

Introdução

Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, verificou-se um grande influxo de estrangeiros nos trópicos. Dentre eles estavam viajantes naturalistas, que além dos trabalhos relacionados às ciências naturais, formularam importantes considerações sobre a economia, política e cultura do Brasil do século XIX. O botânico Auguste de Saint-Hilaire foi um dos viajantes que se destacou compondo uma série de observações, principalmente, sobre o centro e centro-sul deste território entre 1816 e 1822. Este naturalista percorreu as províncias patrocinado pelo governo francês, tendo como intuito oficial enviar pesquisas e coleções ao Museu de História Natural de Paris. Seus cadernos de viagem foram mais tarde publicados compondo assim fonte importante para a percepção daquele período.

O artigo que aqui se apresenta tem como principal interesse à tentativa de se aplicar a conceituação de território nos relatos de viajantes naturalistas. Apesar do conceito, como é formulado hoje, não o ter sido no início do século XIX, o conteúdo a que ele se refere se faz presente em tais relatos? O que se pretende é identificar se os viajantes, mesmo sem ter o conceito de território¹, construíram observações que permitem compreender o território relacional², a utilização do espaço, as relações sociais presentes, as articulações sócio-ambientais e as relações interespaiais.

Em um primeiro momento se fez necessário compreender as conjunturas presentes no último quartel do século XVIII e primeira metade do XIX, para se estabelecer e distinguir o lugar de onde o naturalista produziu seu texto, tanto no sentido temporal como espacial. Esta análise possibilita o melhor entendimento da percepção, conceitos e preconceitos destes homens para com o objeto da observação. O trabalho constituiu-se em determinar o padrão da observação e da construção do discurso de Saint-Hilaire, a partir do que foi observado, com objetivo de identificar os elementos privilegiados pelo olhar do naturalista. Isso significa ir além da identificação da visão de território própria de sua época, aquela que percebia o território enquanto espaço e divisão político-administrativa.

O conceito de território, para além da idéia geográfica tradicional, é um campo inovador. Nas palavras de Milton Santos: “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social” (SANTOS, 2005: 1). Tendo o uso do território como objeto de análise, pode-se questionar qual o seu uso foi observado nos relatos de Saint-Hilaire. Dos textos do naturalista emergem processos culturais, econômicos, sociais e ambientais. Tais processos decorrem do tempo e do seu desenvolvimento no espaço determinado, portanto, compreendê-los é perceber as durações que envolvem a formação da província de Minas Gerais.

Contexto encontrado pelo viajante

Para se fazer uma análise acerca dos escritos de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais é preciso compreender a conjuntura histórica que marcou a produção de seus relatos. Ora, Saint-Hilaire era fruto de uma Europa iluminista e a partir dela construiu suas próprias visões acerca do novo

¹ O conceito de território originalmente está ligado à Geografia Política do teórico Friedrich Ratzel, cujo fundamento foi elaborado na segunda metade do século XIX.

² Entende-se o território relacional como expressão da multidimensionalidade da apropriação e representação social do espaço, bem como da propriedade do território existir sempre em relação a outros. O caráter relacional remete ao vivido territorial (relações cotidianas e habituais) por atores e indivíduos sociais, constituindo-se uma qualidade subjetiva, que por meio do simbólico permite a tomada de consciência do espaço como “meu espaço” e, ao mesmo tempo, do “eu” como parte desse espaço, tecendo identidade e pertencimento ao território. Território relacional é um conceito utilizado em análises que privilegiam a utilização do espaço e as relações sociais que o compõem em detrimento da idéia tradicional de que território consiste em uma divisão espacial e política (RAFFESTIN, 2003; HAESBART, 2002; EDUARDO, 2006).

mundo. Nos relatos dos viajantes se nota a “percepção do sujeito observador formado por determinado contexto histórico” (LISBOA, 1997: 67).

Os viajantes que estiveram em Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XIX, traziam consigo as concepções ilustradas acerca da sociedade. As elites locais não deixavam também de partilhar tais concepções, mesmo que alteradas pela distância e pela realidade intrínseca a colônia/província. Quanto a isso, Keneth Maxwell contribui para compreensão deste contexto com sua análise da conjuntura vivida por Portugal e Brasil a partir da atuação do Marquês de Pombal, enfocando a reforma do sistema educacional português, expulsão dos jesuítas, construção do império Atlântico, inclusão das elites locais no sistema de poder e privilégios, adoção de princípios ilustrados e, concomitantemente, aumento das contradições. (MAXWELL, 1996).

Maxwell faz também uma apreciação da geração de 1790 que se movimentou propondo a Inconfidência Mineira, interligando-a com a conjuntura maior do Império Luso-Brasileiro. O autor faz uma análise da elite intelectual e sua relação com o Iluminismo, relação essa que, segundo o autor, possibilitou o pensar uma política diferenciada para o Brasil, com intuito de mantê-lo como domínio português (MAXWELL, 1999).

Fazendo uma releitura da perspectiva de Keneth Maxwell, está Ana Rosa Cloquet da Silva. A autora analisa o conceito de “acomodação” empregado pelo brasilianista, na sua busca de explicação para as relações entre a elite mineira e a metrópole, no período entre 1792 e 1808. As elites locais teriam se acomodado ao *statu quo* pós-Inconfidência Mineira submetendo-se aos desígnios da monarquia dos Bragança e a um determinado lugar dentro do Império. A autora discorda do conceito de acomodação, porque a escolha por reformas e pelo referencial político da família real portuguesa não anulou o movimento interno para manutenção de interesses e concepções próprias. Estaria presente o sentimento de pertencimento político a uma esfera local, um “ser de Minas”.

A capitania vivia um processo marcado pelo esgotamento do ouro e pela reorientação socioeconômica e geográfica. Esta conjuntura se aprofunda no decorrer da primeira metade do século XIX, sendo acrescida pelos acontecimentos europeus, particularmente os derivados da Revolução Francesa; pelos processos de independência latino-americanos, especialmente os choques em São Domingos; pela presença da Corte no Rio de Janeiro e as mudanças daí decorrentes; pelo processo de Independência do Brasil e constituição da Província de Minas Gerais; entre outros. O quadro de mudanças era local e global, impondo às elites uma revisão de seus critérios de valoração política em âmbitos micro e macro-territoriais, particularmente de suas relações com a Monarquia. O desejo de manter privilégios fez com que as elites mantivessem relações de conciliação e unicidade com o poder central, sem deixar de buscar seus interesses por meio da afirmação de especificidades (DA SILVA, 2006).

O contexto político transitório encontrado pelos viajantes naturalistas marcou suas observações acerca do Brasil. A própria entrada dos naturalistas nos trópicos mantém relações com o processo de mudança desencadeado pela presença da Corte no Rio de Janeiro e pela abertura dos portos, até culminar com o processo de Independência e construção do Estado Nacional.

Alguns autores escreveram sobre a visão que se tinha do Brasil no Velho Mundo. Entre eles está Karen Macknow Lisboa, que partindo de sua análise sobre os viajantes naturalistas Spix e Martius, faz com que o leitor compreenda o trabalho desses observadores e como a Europa construiu suas visões sobre os trópicos (LISBOA, 1997). Sobre Saint-Hilaire destaca-se o texto de Lorelai Kury, que faz um retrospecto das viagens do naturalista, enfocando que seu interesse de um retorno com prestígio à França fez com que atuasse como um viajante exemplar, com importantes contribuições científicas (KURY, 2003.). Regina Horta Duarte escreveu sobre os olhares dos viajantes no Vale do Rio Mucuri. Entre os viajantes que percorreram tal região está Maximiliano, Saint-Hilaire e Tschudi, que discutiram, principalmente, sobre as matas exóticas e as populações indígenas que na região encontraram (DUARTE, 2002.).

Um conceito em questão: território

O conceito de território como categoria de análise traz um enfoque mais apurado que aquele de Friedrich Ratzel. Este teórico deu particular enfoque a Geografia Política analisando principalmente a relação entre o Estado e o espaço, o território aparece como espaço vital da realização do Estado-Nação. Tal conceito se apresenta diferente em Paul Vidal de La Blache, o qual deu um outro enfoque fazendo uma ligação entre a Geografia Física e a Geografia Humana, para que o conceito se tornasse mais flexível e incorporasse a relação entre a sociedade e a natureza (HAESBAERT, 2002.).

Porém, mesmo desenvolvendo o conceito essa discussão ainda é restrita a alguns estudiosos, entre eles estão os geógrafos Claude Raffestin e Milton Santos. Estes autores que, “usando termos diferentes, mostraram uma convergência conceitual quando se referiam à produção do espaço ou do território na geografia e na geografia política [...] Ambos partem de uma situação sem intervenção social do homem para uma produção social deste” (VIANNA, 1996).

Segundo Milton Santos, território se constitui a partir da utilização a ele atribuída e das relações sociais que o compõem, fazendo com que haja um dinamismo neste espaço. Com essa idéia inicial do que é território, emergem outros conceitos que também possuem este sentido não estático. Na visão de Santos, o território é o espaço vivido, onde se produzem relações. Nas palavras do teórico:

O povo como sujeito é também o povo como objeto, sobretudo ao considerarmos o povo e o território como realidades indissolúvelmente relacionadas. Daí a necessidade de revalorizar o dado local e revalorizar o cotidiano como categoria filosófica e sociológica, mas como uma categoria geográfica e territorial (SANTOS, in: KOGA (*Medidas de cidades*), 2003: 35 e 36).

Claude Raffestin, em sua obra *Por uma geografia do poder*, expõe sua perspectiva do conceito de território. Para o autor o espaço é anterior ao território, é nele que o território se forma. Em suas palavras, o território “é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 2003, pp. 144).

Os conceitos de território como espaço marcado por relações de poder (Raffestin) e de espaço vivido (Milton Santos) abrem possibilidades para uma nova leitura dos textos de Saint-Hilaire. No tocante a compreensão dos usos, costumes e relações sociais presentes na sociedade mineira do século XIX, esta conceituação parece bastante apropriada. Suas categorias de análise no que se referem ao território relacional e vivido podem ter nos relatos de Saint-Hilaire uma leitura da sociedade mineira e de suas relações com o trabalho, com a religião, com o poder local e com a vida privada.

A idéia de Raffestin do território marcado por relações de poder pode contribuir para a percepção de como a sociedade mineira nascente construía suas relações de poder local e com as esferas superiores, provincial e imperial; além das relações de poder que permeiam a estrutura social e o jogo político marcado pelo compadrio e clientelismo. Permite perceber como o espaço vivido e relacional se constitui também a partir de relações marcadas pelo poder.

Fazendo também uma análise do território em sua perspectiva relacional está o GETERR³. Em artigo de Márcio Freitas Eduardo, demonstrou-se a relação entre Território, trabalho e poder. Para isso, foram utilizados autores que estão presentes nas demais análises acerca do território, autores como: Ratzel e sua Geografia Política; Raffestin com uma análise mais econômica e

3. Grupo de Estudos Territoriais que tem como instituição principal a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Campus de São Francisco Beltrão), mas que mantém relação com a Faculdade de Ciências Tecnológicas da UNESP (Campus Presidente Prudente).

política do território, observando num viés relacional; Foucault e suas análises acerca do poder. Além de autores como Rogério Haesbaert e Marcos Aurélio Saquet que tentaram interpretar as interfaces do território: as noções política, econômica e cultural do território (EDUARDO, 2006).

Estes autores percebem que o território é composto de multiterritorialidades e, conseqüentemente, configura-se como realidade fragmentada, isto é, as pessoas se relacionam nos diversos espaços sociais dentro do território. Segundo Saquet:

[...] as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas, efetivam um território, um processo social, no (e com o) espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades/temporalidades/territorialidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios heterogêneos e sobrepostos fundados nas contradições sociais. (SAQUET, 2004: 28).

Para que fique explicitado, utilizamos, enfim, o conceito de território enquanto um conjunto de relações sócio-espaciais historicamente delimitadas, o qual é fruto da atuação do homem no espaço e de variadas relações. Existem relações específicas dentro de determinado espaço dando a ele características particulares que demarcam sua formação enquanto território. Por Exemplo, a região mineradora da província de Minas Gerais se compõe como território porque traz características particulares que fazem com que seja identificada como tal, não é o espaço somente que identifica esta região, mas também as relações específicas que a diferem de outro território. Entretanto, se há essa tendência de um território se caracterizar por suas similaridades existem também as manifestações diferenciadas que coexistem dentro do todo que é um território. Estas podem ser entendidas como territorialidades, que se mostram como manifestação dentro do território, é na territorialidade que o caráter relacional do território aparece, como por exemplo, os costumes diferenciados de cada região dentro do todo maior que seria a província de Minas.

Saint-Hilaire e o território

Analisamos a partir da narrativa de Saint-Hilaire como o território da província de Minas Gerais era transformado a partir das relações ali existentes. Ora, Minas Gerais apresentava em determinadas regiões densidade demográfica expressiva para o período, bem como diversificadas atividades econômicas, administrativas, clericais. Em outras regiões as características eram diferentes, seja no tocante à densidade da população ou nos tipos de atividades econômicas ou nos costumes. A historiografia, a partir da década de 1980, teve em comum refutar as proposições de que o declínio do ouro desarticulou a sociedade e economia mineira, atrofiando-a. A dinâmica diversificada de Minas Gerais explicaria inclusive o aparecimento de uma importante elite com participação ativa na política do Império (PAIVA, 1996).

Isso demonstra uma apropriação do espaço que se deu de forma historicamente determinada, e que o território das Minas Gerais do século XIX não deve ser entendido de maneira estática e unitária, mas sim em sua dinâmica própria e com as diversas territorialidades que o compõe. À medida que se desenvolve a viagem de Saint-Hilaire se percebe a heterogeneidade, os processos em curso e as inter-relações que se estabelecem. Ele passa por lugares que lhe remetem questões que estão além daquele lugar em si, mas não deixam de manter relação com aquele local.

Essa relação com o local está presente quando o viajante chega a Vila do Príncipe, seus relatos centram-se em descrever minuciosamente as relações administrativas da cidade, da província, do território chamado Brasil e do todo maior que era o Império luso-brasileiro. O autor ao invés de centrar-se numa descrição do local percebe a grandiosidade das relações que não só o compunham, mas também o império luso-brasileiro. Entretanto, o local é um importante

fator para sua leitura da administração, pois suas anotações foram produzidas principalmente a partir de seu contato com os homens que ocupavam cargos administrativos importantes em Vila do Príncipe (SAINT-HILAIRE, 1974: 144-164).

O mesmo ocorre quando ele chegou à cidade de Mariana. O autor não se preocupa em analisar simplesmente as características físicas do lugar, mas sim a descrever as relações clericais da província de Minas Gerais. Isso oferece a hipótese de que Mariana se apresenta como um território que se formou, principalmente, a partir do estabelecimento e atuação de seu conhecido bispado (SAINT-HILAIRE, 1974, pp. 81-86).

Percebendo isso, deve-se levar em consideração que a narrativa do autor não se compõe apenas gradativamente a partir dos lugares que percorre, ele constrói sua visão para além do espaço. Essa visão muitas vezes se forma a partir das possibilidades que o espaço apresenta ao viajante, as relações que compõem esse espaço falam sobre ele, fazendo com que se perceba o território não somente partindo de suas divisões tradicionais. Por isso a possibilidade de aplicação do conceito de território relacional, pois os relatos de Saint-Hilaire são fontes importantes para se perceber a formação do território, enquanto locus de variadas relações que projetaram realidades diversificadas para Minas Gerais.

Alguns trechos da obra de Saint-Hilaire foram selecionados com o intuito de exemplificar melhor a categoria de análise: Território relacional. O exemplo que se segue demonstra como uma única descrição do viajante possui uma variedade de possibilidades de análises. Pode-se apreender que muitas vezes o território poderia se formar a partir dos costumes locais, vestuário, festas e clero, formando também territorialidades distintas. Além de que o trecho demonstra como o espaço físico mantém relação direta com o espaço simbólico, o que enriquece ainda mais a percepção de que o território não se forma somente com algo palpável.

A quinta-feira santa é considerada nesse lugar como uma das maiores festas do ano: nesse dia não se trabalha, e se celebrou na igreja matriz de Vila do Príncipe, uma missa com música, à qual assistiram com traje de gala as pessoas de maior consideração do local [...] Os párocos, não sendo obrigados a officiar em missas solenes, recebem uma retribuição todas as vezes que celebram uma. [...] O vigário recebeu 4000 reis (25 fr.), e os adjuntos que serviram de diácono e sub-diácono, foram pagos na mesma proporção (SAINT-HILAIRE, 1974: 151).

No próximo exemplo é possível observar a relação entre a mineração e o contingente populacional de Vila Rica. Numa perspectiva relacional, é identificável que em Vila Rica é o uso do território que o compõe como tal e não seu espaço a priori, tanto que sua população se mantinha elevada devido à exploração do ouro, porém continua a ser povoada devido aos usos que se fizeram deste local.

A população de Vila Rica que chegou a ser de 20 mil almas, está atualmente reduzida a 8 mil, e essa vila estaria mais deserta ainda se não fosse a capital da província, a sede da administração e a residência de um regimento” (SAINT-HILAIRE, 1974: 70).

O autor percebe pontos de convergência entre a vida no sertão e nas localidades auríferas, questões que vão além do espaço de ocupação, mas que remetem a economia e as condições de vida. Observar o território que compõem o sertão é perceber as condições naturais, a demografia e o cotidiano particular, partindo da percepção que se tem do outro, nesse caso fazendo um contraponto com as localidades auríferas, o que demonstra a diversidade das Minas Gerais.

[...] muitas vezes, mesmo, fui obrigado a privar-me de coisas de que necessitava, porque não me podiam arranjar troco. Como não se extrai ouro das terras do

sertão, os bilhetes denominados bilhetes de permuta não tem curso ali. Não se conta, outrossim, por vinténs de ouro, como nas regiões auríferas da província, mas por vinténs de vinte réis, como se pratica no Rio de Janeiro e numa porção doutros lugares (SAINT-HILAIRE, 1974: 318-319).

Neste exemplo é possível perceber a relação entre terra, mineração, administração e relações pessoais. O território pode ser um espaço simbólico, onde as relações compõem um lócus particular, construindo assim as chamadas territorialidades. É notável que não é possível fazer uma análise estática do território, pois ele se compõe de relações e não somente como uma divisão político-administrativa.

É necessário um título especial para poder retirar o ouro da terra, e esse título é concedido pelo oficial ao qual se dá o nome de guarda-mor. Consegue-se o direito de procurar ouro em um terreno cultivado por outro, mas debaixo da obrigação de conceder uma indenização ao lavrador. É fácil compreender-se que semelhante costume acarreta os mais graves inconvenientes, e é uma fonte de disputa de ódios (SAINT-HILAIRE, 1974: 109).

Os exemplos buscam elucidar a diversidade da narrativa de Saint-Hilaire. Cabe destacar que a tentativa de perceber o território relacional nos escritos do naturalista é concomitantemente uma tentativa de busca pela aplicação do conceito de território relacional.

Conclusão

Concluimos que o conceito de território pode ser empregado nos relatos de Saint-Hilaire no que confere a análise da sociedade mineira oitocentista. Estes relatos abrem espaço para percepção dos variados espaços que compunham a Província de Minas Gerais e cruzados com as categorias de análise territoriais podem demonstrar tais espaços de forma mais expressiva.

Isso evidencia uma apropriação do espaço que se deu historicamente determinada, o território das Minas Gerais do século XIX deve ser entendido em sua dinâmica própria e nas diversas territorialidades que o compõe. Saint-Hilaire percebe os lugares que descreve a partir de questões que estão além daquele lugar em si, mas não deixam de manter relação com aquele local.

A narrativa do autor não se forma presa aos lugares que percorre, ele constrói sua visão para além do espaço. Por isso a aplicação do conceito de território relacional, pois os relatos de Saint-Hilaire são fontes importantes para se perceber a formação do território enquanto lócus de variadas relações que projetaram territorialidades diversificadas para Minas Gerais.

Foi perceptível que os resultados deste trabalho são preliminares, abrindo espaço para discussões que tenha o conceito de território como seu suporte teórico. Tal conceituação se mostra abrangente e possibilita que o espaço seja apropriado pela abordagem histórica, pois se demonstrou aqui que o espaço não necessariamente deve ser tomado como um dado a priori, ele pode ser observado de forma complexa, a partir das relações que o compõem e o transformam em Território.

Bibliografia

Fontes:

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (01/06/1816 – 22/09/1817)* – tradução de Vivaldi Moreira. Ed Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (29/01/1822 – 05/05/1822)*. Tradução Revista e Prefacio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

Bibliografia teórica:

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. *O retorno do território*. OSAL, ano VI, nº 16, ENERO-ABRIL, 2005.

SANTOS, Milton. *Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método*. Boletim Paulista de geografia, São Paulo, v.54, 1977.

SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

KOGA, Dirce. *Medidas de cidades: entre território de vidas e territórios vividos*. São Paulo, Cortez, 2003, pp. 33-80.

VIANNA, Pedro Costa Guedes. *Revista Paranaense de Geografia. Associação dos geógrafos brasileiros*. Número 1, 1996. Artigo retirado do site: www.agbcuritiba.hpgig.com.br.

EDUARDO, Marcio Freitas. Território, trabalho e poder: por uma geografia relacional. Campo-território: *Revista De Geografia Agrária*, v.1, n.2, 173-195, ago. 2006.

BORDO, Adilson Aparecido. *As diferentes abordagens do conceito de território*. Disponível em <http://www.temasemdebate.cnpm.embrapa.br> . Acessado em 3 de dezembro de 2007.

HAESBAERT, Rogério. *La Blache, Ratzel e a “geografia política”*. *GEOgrafia*, Ano IV, nº 7 - jan-jun, 2002. Publicação on-line em dezembro de 2004 Disponível em http://www.uff.br/geographia/rev_07/nossosclassicos7.pdf. Acessado em 3 de dezembro de 2007.

Bibliografia historiográfica:

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Português e Latino*. Lisboa, Of. Pascoal da Silva, 1721-1728.

DA SILVA, Ana Rosa Clochet. *Minas no contexto da acomodação: as relações de poder, as práticas políticas e a tessitura das identidades*. Revista Aulas: dossiê identidades nacionais. N. 2 – outubro/novembro 2006.

DIAS, Maria Odila Silva. A interiorização da Metrópole (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822: Dimensões*. São Paulo: editora Perspectiva, 1972.

DUARTE, Regina Horta. *Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 22, nº 44, pp.267-288, 2002.

FALCON, Francisco. *A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. São Paulo: Ática, 1982.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ª ed. revisada, São Paulo: Globo, 2001.

KURY, L. B. *Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar*. Intellèctus, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n. 3, p. 1-11, 2003.. Disponível em <http://www.intellectus.uerj.br> .Acessado em 3 de dezembro de 2007.

LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MAXWELL, Kenneth. A geração de 1790 e a idéia de Império Luso Brasileiro, in: *Chocolate, piratas e outros malandros: ensaios tropicais*. São Paulo: Paz e terra, 1999, pp.157-191.

PAIVA, Clotilde Andrade. *Populações e Economia em Minas Gerais do Século XIX*. São Paulo, USP, 1996 (Tese de Doutorado).

PRADO JR., Caio. *A formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.